

Conferência Internacional
Cartografias culturais – Comunidades, Histórias e Lugares
Coimbra, Portugal

Painel de Reflexão Final (30/05/2014)

Alys Longley, Universidade de Auckland, Nova Zelândia

“Fluxos artísticos”

Pássaros de papel, penas de história

Autoria de los/as participantes na Conferencia sobre Cartografias Culturais 2014
Curadoria de alys longley

quando você deixa cair a água a pedra terá estes círculos
a grande oportunidade da nossa mente a imaginar coisas

e em kurzon eles ensinam os seus públicos a usar também a sua imaginação
uma nova forma de falar sobre o que está acontecendo na cidade

varreram toda a rua para as pessoas que queriam contar histórias
histórias particulares comprimidas em pássaros de papel com penas de histórias

uma loteria jogada na beira da estrada
a fazer as coisas numa língua que a comunidade entenderá

quem está incluído? quem é silenciado? criando tipos de abertura
tu és onde tu moras

uma mudança de paradigma no uso da linguagem
um dispositivo móvel não-hierárquico para o pensamento

uma variedade de métodos de pesquisa de um campo de práticas em busca de um método
indiretamente derivando impactos lúdicos

quando você deixa cair a água a pedra terá estes círculos
uma lotaria de histórias incluídas ou silenciadas

a luz vem através de um tipo de abertura
cultura popular encontra-se com a imaginação digital

um lago congelado como oficina como galeria
um kit para uma câmara obscura flutuante imaculadamente nasceu

o que um Estado-nação permite
as ondas de uma política branca canadiana ondulam

processamento da substância e encorpamento de histórias
articulando modelos de exclusão e legislação

a noção de palimpsesto - camadas podem ser lidas de novo
fragmentos e camadas de erros ortográficos críticos

invertendo a tendência do silêncio
criminalizado por atos de viagem

you have your own curatorial?
Escolaridade de nível intestinal

Focalizando o retorno mapeando o ausente
o tipo de perda que nos assombra urgentemente

a luz vem através de algum tipo de abertura
um lago congelado criminalizado um kit de silêncio reversível

tornamo-nos as nossas próprias presenças ouvimos o mar na incerteza de quanto foi
gravado e quanto estava ao vivo

a sensação de som
cumplicidade lúdica

a atividade ativa de habitação
criando tempo entre andar e acalmar

conectar de forma diferente com o quotidiano
abrindo possibilidades e memória

um novo mundo virtual ligado a um velho mundo material
objetos digitais integrados em lugares reais

efígies de esqueleto menos que vapor mais visível que osso
um império do tamanho do império

uma praça pública mundial
um mapa de memória coletiva

O que perdeste? é igual ao que valorizas?
momentos ocultos tornam-se geradores

escrevendo a partir de uma posição em movimento
uma prática simples complexamente contestada

os muitos atos escassamente teorizados do dia a dia um microclima mediterrâneo
no solo de aberdeen momentos vagamente coreografados micro disparos

nós tornamo-nos conscientes das nossas próprias presenças ouvimos o mar sem saber como
quanto é gravado e quanto é ao vivo cumplicidade brincalhona com graves perdas

pequenos rótulos sinais de memória um dispositivo para recolha de significados
a possibilidade de tomar uma mesa e talvez duas cadeiras e colocá-los num lugar útil

perguntar-lhes como é que você faria isto?
um pouco incerto do que vai acontecer

talvez você entenda as coisas de maneiras diferentes
como as autoridades locais usam os nossos resultados para obter melhores lugares para se viver

a pergunta simples primeiro
se é bonito vai convidar o engajamento

rotas de fuga mais importantes do que paredes do mar
tempo de estrada pequeno

visão do olho da minhoca
nós temos que passar por estes processos muitas vezes

amálgama de mapas
a relação entre a resiliência e a imaginação

Sonhos de lugares médios de baixo para cima
perpétua adaptação à mudança

pequenos rótulos sinais de memória um dispositivo para recolha de significados
um pouco incerto tempo de estrada pequeno

quando você deixa cair a água a pedra terá estes círculos
uma lotaria de histórias incluídas ou silenciadas
a luz vem através de um tipo de abertura
um lago congelado criminalizado um kit para silêncio reversível
tornamo-nos conscientes das nossas próprias presenças, ouvimos o mar incertos de quanto é gravado
e quanto é vivo
cumplicidade lúdica com grave perda
sinais de memória pequenos rótulos
um pouco incerto tempo de estrada pequeno

quando você deixa cair a água
a luz
histórias congelando & derretendo jogo & perda
um pouco incerto
um kit para silêncio reversível

David MacLennan,

Departamento de Sociologia e Antropologia, Thompson Rivers University, Canada

“Linhas metodológicas e conceituais”

Os mapas envolvem o exercício do poder.

São fontes de prazer estético.

E, como Lev Vygotsky argumentou, são ferramentas simbólicas: conferem vantagens cognitivas sobre o usuário.

Todas essas dimensões dos mapas - a política, a estética e a cognitiva - foram abordadas, exploradas, apresentadas nesta conferência. Tem sido uma grande conferência. Obrigado mais uma vez à Nancy e a toda a equipa responsável.

Tenho duas observações, que se relacionam sobretudo com as dimensões cognitivas de mapas.

A minha primeira observação diz respeito ao estatuto do mapeamento cultural, que considero estar a caminho entre uma forma de investigação e um movimento social. Como o ambientalismo, o mapeamento cultural situa-se em dois mundos: o mundo da investigação e o mundo da advocacia. As pessoas que realizam mapeamento cultural adotam diferentes papéis: o papel do/a pesquisador/a, e o papel do/a advogado/a. Embora a pesquisa e a advocacia sobrepõem-se, elas não são idênticas. Algumas pessoas podem ser boas a pesquisar, mas não tão boas na advocacia. Outras podem ser boas na advocacia, mas não tão boas na pesquisa.

Para além desta preocupação básica, há alguma razão para pensar nos mundos da pesquisa e da advocacia por separado? Há razões óbvias para aproximá-los. Os/as investigadores/as precisam de ser capazes de olhar para além da academia, de desenvolver a habilidade de comunicar eficazmente com os decisores políticos e os diversos públicos não especializados.

Além disso, se considerarmos as tendências recentes no mundo da pesquisa - a prática de visualização de dados, por exemplo -, encontramos princípios orientadores como "clareza, honestidade, [e] a mostra dos dados" (Healy e Moody, 2014) que pertencem igualmente aos mundos da pesquisa e da advocacia. No entanto, alguns cientistas sociais argumentam que a credibilidade do conhecimento que produzem depende, em parte, dos limites que mantêm entre os mundos da pesquisa e da advocacia. Assim, a questão das fronteiras permanece instável, e os debates sobre a relação adequada entre pesquisa e advocacia continuam. A participação em debates como o que aqui teve lugar, irá desempenhar um papel importante no desenvolvimento do mapeamento cultural como campo de investigação.

A minha segunda observação diz respeito à relação entre o mapeamento cultural e as disciplinas académicas convencionais. Às vezes, o mapeamento cultural parece "flutuar" sobre estas disciplinas. Isto pode ser uma vantagem, permitindo ao mapeamento cultural jogar com seus pontos fortes: a interdisciplinaridade, a vertente inovadora, e um sentido apurado das dimensões espaciais dos fenómenos culturais.

No entanto, por vezes esta abordagem também pode trazer desvantagens. Deixem-me ilustrar este ponto com um exemplo. Nos últimos anos tenho vindo a explorar diferentes exemplos de gentrificação com os meus alunos e alunas. A gentrificação é um processo complexo que está transformando a cidade e o campo em várias partes do mundo. É profundamente cultural: nas cidades, especialmente, a gentrificação é associada à transformação do espaço construído, à criação de diversos equipamentos culturais, e à imigração da classe criativa.

A gentrificação é cultural. Mas também é política, económica e sociológica. Podemos usar o mapeamento cultural para estudar a gentrificação. De facto, as suas ferramentas de análise espacial e local tornam-no ideal para esta tarefa. Mas existe toda uma literatura sobre gentrificação baseada nas teorias e descobertas de muitas disciplinas académicas.

A minha segunda observação consiste simplesmente em salientar a valia da construção de conhecimento a partir do já existente. Os/as mapeadores/as culturais que procuram entender as forças que dão lugar às infraestruturas culturais beneficiar-se-ão do conhecimento que resulta da literatura sobre gentrificação, e o mapeamento cultural irá desenvolver todo o seu potencial encontrando novos equilíbrios entre as práticas de investigação inovadoras, e as já estabelecidas nas disciplinas mais convencionais.

Resumindo: o mapeamento cultural tem um grande potencial, e esta conferência permitiu-nos confirmá-lo. Conforme esta área evolui, quem por ela anda irá deparar-se com questões básicas sobre a relação entre a pesquisa e a advocacia. Da mesma forma, deveremos confrontar-nos com o desafio de construir novos equilíbrios capazes de conciliar práticas inovadoras de investigação com práticas que resultam das teorias e descobertas das disciplinas mais tradicionais da academia.

Referência

Healy, K. and Moody, J. (2014). Data visualization in sociology. *Annual Review of Sociology* (forthcoming).

M. Sharon Jeannotte

University of Ottawa, Canada

“Planeamento e desenvolvimento local”

Deveria apresentar estas observações referindo previamente que sou apologista do “slow thought movement”. Preferiria ter mais tempo para analisar e digerir as várias apresentações que foram feitas nesta conferência, antes de partilhar os meus pensamentos com vocês. No entanto, como estes comentários foram reunidos por volta da meia-noite do dia de ontem, após um dia extenso de apresentações, eles são, necessariamente, baseados em primeiras impressões. São, noutras palavras, “pensamentos rápidos”, que eu temo serem intelectualmente equivalentes a uma refeição no McDonald’s.

Gostaria de me debruçar na questão que Will Garret-Pett’s nos trouxe ontem de manhã: É o mapeamento cultural um campo emergente à procura de metodologias ou é apenas um conjunto de metodologias à procura de um campo próprio? Sob a perspetiva do planeamento e do desenvolvimento local, parece-me que devemos primeiro abordar os temas da governança e do poder. Qual é o papel da autoridade pública no mundo do mapeamento cultural e como é que se concretiza?

Começemos pelo conceito de “público”. Que papel deveria ter a autoridade local no envolvimento do público em iniciativas de mapeamento cultural? Como Graeme Evans afirmou, em alguns casos a autoridade local pode conduzir o processo, mas no final, é o *público* quem precisa de se apropriar dele. A autoridade local deveria criar um espaço onde nos pudéssemos ouvir uns aos outros e onde, como a Sarah Giddens e o Simon Jones sugeriram no painel artístico de ontem, fosse possível participar num diálogo aberto. Contudo, devemos ser conscientes de que, como o John Craig Freeman, a Abby Suckle e a Seetha Raghupathy nos disseram, este espaço já não é confinado à praça pública, tendo superado o não-físico, para alcançar também uma dimensão virtual.

Considerando agora as metodologias, fomos alertados pelo Leonardo Chiesi e pelo Paolo Costa que o mapeamento cultural tem apenas significado quando associado a um projeto mais amplo - noutras palavras - tem que ser mais estratégico do que tático. Quando temos a estratégia, podemos escolher as táticas apropriadas. Ou, como disse Kathleen Sherf: a eficácia do mapeamento não é apenas uma questão de técnica, mas também de escolha. Neste sentido, Raquel Freitas, no painel de metodologias no primeiro dia, lembrou a urgência de que as autoridades locais reconheçam a cultura como o quarto pilar da sustentabilidade das comunidades (junto com o ambiente, a economia e a esfera social). Ao adotar o modelo dos quatro pilares como o quadro de análise do mapeamento cultural, as autoridades locais estarão a adotar uma abordagem equilibrada dos assuntos de poder que acabam por determinar o que é mapeado e quem contribui para o processo de mapeamento. No referente à questão do mapeamento dos recursos culturais intangíveis, fomos alertados por vários/as oradores/as que os/as mapeadores/as culturais podem aprender muito com os movimentos ambiental. Por exemplo, muitos investigadores/as ambientais estão provando técnicas que medem os contributos da cultura intangível

(o que as pessoas valorizam) aos serviços do ecossistema. Uma das ferramentas essenciais que estão utilizando é a *narrativa*, algo em que os setores cultural e artístico destacam.

Na esfera do planeamento e desenvolvimento local, muitos oradores/as disseram-nos que o envolvimento público é uma parte vital do processo de mapeamento cultural. Janet Pillai mostrou-nos que a colaboração e a negociação “mão a mão”, ajudam a construir uma relação de confiança entre as autoridades públicas, os/as cidadãos/ás e os/as agentes locais. Raquel Freitas foi ainda mais longe ao defender que uma abordagem de baixo para cima deve formar parte dos resultados do mapeamento cultural. Algumas técnicas incluem partilha de trabalhos, de autoria, e inclusive, de diferentes formas de conhecimento no processo de mapeamento. Christine Hjorth partilhou connosco diversos exemplos de consultas públicas desenvolvidas na elaboração de mapas de recursos culturais tangíveis, que, no caso do planeamento e desenvolvimento local, tendem a ser realizados por motivos instrumentais (por exemplo, desenvolvimento económico ou de marca).

Christine Hjorth também nos disse para reconhecer o que ela intitulou de “lista negra”, entre os que se encontram diversos e exemplos que nos são familiares às autoridades locais que trabalham em projetos de mapeamento cultural:

- Limitação de recursos (incluindo informação adequada) para manter o mapa cultural ou para lhe dar seguimento
- Esgotamento ou excesso de planos e de consultas
- Competição por recursos, ou falta de colaboração (que pode ocorrer entre áreas culturais ou no seio de cada uma das áreas, entre municipalidades, e entre os diferentes setores sociais, económicos e culturais da comunidade)
- Instabilidade política, que pode incluir uma mudança na administração que se traduz no atraso ou cancelamento do projeto de mapeamento ou na falta de compromisso por parte dos/as planeadores/as
- Estratégia de desenvolvimento económico ultrapassada, e por isso incapaz de reconhecer o valor da recolha de informação sobre recursos culturais locais.

Apesar de todos estes pontos negativos, muitos/as oradores/as demonstraram a importância realizar exercícios de mapeamento cultural. Caldon Merciera e George Cassar indicaram que o conceito de cultura como uma rede de jogadores foi útil e que autoridades locais deveriam focar-se na variedade de usos e práticas culturais que têm lugar em espaços públicos, mas do que nos espaços por si só. Da mesma forma alertaram que o espaço cultural é por vezes contestado, e que as autoridades locais devem abordar estes espaços de forma a garantir o seu acesso por parte de todos/as os/as utilizadores/as interessados/as. Como Claire McCaughey, Caroline Lussier e Rodger Hunter disseram nas suas apresentações, o mapeamento cultural pode constituir uma plataforma para um maior entendimento e para a construção de relações, mas às vezes, como Sabrina Pratt assinalou, o processo precisa de um líder dinâmico que seja capaz de te levar a ultrapassar as adversidades. Às vezes, apenas é preciso acreditar em que a autoridade local tem o bem público como objetivo central dos seus planos de desenvolvimento, e em que, a este nível, uma das suas prioridades é a saúde e a vitalidade do ecossistema cultural da comunidade.

Lorena Sancho Querol

Núcleo de Estudos sobre Cidades, Culturas e Arquitetura, CES, University of Coimbra

“Participação comunitária”

Em abril passado, durante o processo de criação da nossa Conferência, e no meio da correspondência intensiva que viajava diariamente entre as diversas pessoas que integravam a comissão organizadora, recebi um interessante *e-mail* da Nancy. Convidava-me a integrar a última sessão plenária, a fim de contribuir para as reflexões finais da Conferência, com o objetivo de refletir sobre a "participação das comunidades".

Respirando fundo para equilibrar os níveis de emoção que semelhante proposta me produzia - e enquanto me sentia como uma ovelha feliz no meio da pradaria - pois o tema é-me especialmente querido, decidi aceitar o desafio, estabelecendo previamente três "condições":

Primeiro – Fá-lo-ia a partir da perspetiva de uma pessoa que trabalha com cultura local, museus locais e património local... para colocá-los num contexto interdisciplinar, no centro do processo de desenvolvimento integrado;

Segundo – Concentrar-me-ia na parte sul da nossa fragmentada Europa;

Terceiro – Acrescentaria alguns condimentos críticos resultantes das minhas últimas experiências.

Esta é a minha reflexão...

✘ - ✘ - ✘ - ✘ - ✘

Nos países do sul da Europa, as políticas de ajuste económico que vem sendo aplicadas estão a causar um enfraquecimento progressivo da atividade cultural nas suas diversas formas, e os museus são disso um bom exemplo. Questionadas acerca do processo de transformação que envolve uma profunda mudança dos modelos de gestão e dos valores vigentes, instituições, associações e outras iniciativas culturais, procuram um modelo de gestão sustentável.

Neste contexto vêm surgindo novas fórmulas que associam a sustentabilidade à criatividade social, à valorização da diversidade e aos usos contemporâneos (e equilibrados) dos recursos naturais e culturais, a partir de uma perspetiva que interliga as dimensões local e global.

Simultaneamente, e influenciada pelos debates críticos que vem acontecendo em disciplinas como a Museologia, a Antropologia, a Sociologia ou os Estudos do Património, mas também pela última geração de declarações e recomendações da UNESCO, nas últimas décadas a palavra “cultura” tem visto ampliar-se as suas margens de atuação, assumindo novos significados.

Foi assim que, conforme nos fomos aproximando do século XXI, começámos a ouvir falar da importância de lidar com a cultura num sentido mais amplo, isto é, abordando todas as formas culturais e seus/suas protagonistas como legítimas, incluindo aquelas que tinham sido até então ignoradas ou negligenciadas.

A partir de aqui, a palavra "comunidade" (e todos os conceitos que com ela se relacionam, como o de "participação da comunidade") iniciaria uma metamorfose que faria com que, com o tempo, se tornasse um conceito inclusivo e valorizador da diferença, transformando-se numa palavra-chave em pleno processo de construção das nossas democracias (ou seja, em torno dos anos 80, 90 do século XX).

"Comunidade" tornou-se assim uma palavra "muito útil", frequentemente ligada a coletivos humanos, seus modos de vida e suas formas de adaptação a um território, conquistando a partir de aí um carácter progressivamente flexível.

Ao mesmo tempo, também passo a passo, foram surgindo usos perversos que associavam esta palavra a uma falsa inclusão, a uma presença flutuante, ou a usos políticos que se valem da sua carga positiva para construir uma imagem poderosa, como a conectada aos desafios da "inclusão social", da "democratização da cultura" ou do "desenvolvimento sustentável"... Em suma, a práticas excludentes mais ou menos camufladas!

Hoje em dia, vemos Montanhas de projetos que falam daquela que eu costumo chamar "participação duvidosa", pelo facto de tratar-se de:

uma participação em que podemos ser capazes de sentir a sombra das comunidades e dos coletivos locais, mas não de ouvir as suas vozes;

uma participação onde a comunidade (os habitantes locais) podem ser comparados a cogumelos de estufa, pois aparecem apenas quando as condições são favoráveis, por um curto período de tempo, e são consumidos em qualquer parte do mundo, numa questão de segundos, sem sequer se aperceberem!

Na verdade, sabemos o quão complexo é andar de mãos dadas com os habitantes locais desde o início de um processo: as coisas vão mais devagar, têm de ser pensadas pluralmente, negociadas pluralmente, decididas e materializadas a várias vozes... sendo este o motivo pelo qual a utilização das "cometodologias" (copresença, coprodução, cocriação, coautoria...) se torna essenciais.

Trabalhar dando sentido a estas palavras, e às práticas construtivas com elas relacionadas envolve, entre outros, o desafio de:

- Adaptar as nossas mentes, as nossas leis, os nossos métodos e ferramentas de trabalho, as nossas estruturas políticas ou os nossos livros escolares, a uma noção dinâmica de cultura, de património e de identidade;
- Aprender a trabalhar com diferentes formas de conhecimento (além do conhecimento científico);
- Trabalhar na dimensão da alteridade, no dia a dia...

Para terminar a minha reflexão, e retomando uma perspetiva construtiva com relação à participação das comunidades, gostaria de vos dizer que este par de palavras, usado em campos como o da Museologia, ou o dos Estudos do Património, coloca-nos perante os desafios de...

- Trabalhar com a **CULTURA**: no sentido de **CULTIVAR** valores e significados;
- Lidar com a **COMUNIDADE**... para construir um caminho de alteridade, partilhando características **COMUNS** e diferenças que nos enriquecem;
- Construir processos de **PARTICIPAÇÃO**... ajudando a definir formas de **PARTILHA** capazes de acolher a diversidade humana e cultural, mediante a criação de novas fórmulas que permitem "sentir-se parte de", "ter voz ao longo do caminho", mas também na decisão final.
- Aprender que a palavra **MAPA**, é um substantivo que se pode desdobrar em verbos tão prometedores como **MAPEAR** e que, quando felizmente casados com a palavra Cultura, podem dar lugar a descendentes como os que vocês nos apresentaram durante estes 3 dias.

Obrigada por partilharem connosco as vossas inspiradoras experiências...

E... força com os vossos fascinantes trabalhos, com cujo eco vos deixo:

"Um mapa é sempre uma ferramenta política"

" Mapear intangibilidades significa trabalhar com pessoas tangíveis"

"Como agentes culturais e artistas de mapeamento (ou o que vocês se considerem!) ajudamos a mediar,

ajudamos a validar,

ajudamos a recodificar e reconfigurar significados,

ajudamos a construir consenso ... "

Nota: Esta reflexão é o resultado das inúmeras conversas que, no final de cada dia de Conferência, foram sendo tecidas junto da antropóloga e amiga Catarina Barata. A ela agradeço a partilha de ideias e do seu formidável inglês de Cambridge!

Outras reflexões realizadas pelos/as participantes da conferência:

WHY MAP? REFLECTIONS ON CULTURAL MAPPING FROM COIMBRA TO BRISTOL (Nate Eisenstad)